A FORMAÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA SEGUNDO MANOEL BOMFIM E SILVIO ROMERO: DEBATES ACERCA DOS MEIOS E CAMINHOS PARA A CIVILIZAÇÃO.

Analice Alves Marinho Santos (analicemarinho@gmail.com)

História Bacharelado/ UFS

Resumo:

O objetivo desse trabalho é analisar as semelhanças entre os pensamentos dos historiadores Manoel Bomfim (1868-1932) e Silvio Romero (1851-1914). Intelectuais renomados da historiografia brasileira, Bomfim e Romero, na maioria das vezes, são lembrados por suas desavenças intelectuais e pessoais, querelas essas que podem ser resultadas de suas formações acadêmicas e concepções teóricas que influenciaram seus estudos sobre a economia, sociedade, cultura e política. As principais fontes de pesquisa utilizadas nesse artigo são os livros: "A América Latina: males de origem" (1905), "O Brasil na História" (1931) de Manoel Bomfim e os livros "A America Latina (analyse de livro de igual titulo do dr. M. Bomfim)" (1906) e "História da literatura brasileira" (2001) ambos de Silvio Romero. Um dos pontos mais importantes de convergência entre os estudos de Bomfim e Romero a ser analisado nesse trabalho é quanto à necessidade do Brasil em se tornar uma "nação civilizada" e esse é um dos principais aspectos em que os historiadores contribuem para o enriquecimento dos estudos sobre a História do país.

Palavras chave: Civilização, Manoel Bomfim, Silvio Romero.

Nesse artigo analisamos as teses acerca dos caminhos para a civilização brasileira defendidas por dois sergipanos que ocupam um papel importante na historiografia nacional, são eles: Manoel Bomfim (1868-1932) e Silvio Romero (1851-1914). Apesar dos historiadores citados traçarem caminhos opostos em suas trajetórias intelectuais- Bomfim é formado em Medicina e Romero em Direito - ambos se propuseram a estudar a formação da nacionalidade brasileira e em apresentar as soluções para o "atraso nacional".

Esse trabalho trata das similitudes entre os estudos de Bomfim e Romero principalmente no que tange a necessidade uma nova representação do Brasil em oposição ao país retratado na historiografia do regime imperial e na literatura romântica. Acreditamos que essas aproximações entre historiadores resultam no enriquecimento da teses sobre a "nação brasileira", mas não podemos deixar de lado as conhecidas divergências entre os sergipanos.

Essas divergências eram de fatores pessoais e intelectuais e se tornaram públicas através dos vinte e cinco artigos que foram reunidos na obra: "A America Latina (analyse de livro de igual titulo do dr. M. Bomfim)" (1906) escrita por Silvio Romero. Em um período de um ano foram publicadas quase quatrocentas páginas que demonstravam aversão e desprezo as ideias defendidas por Bomfim na obra "A América Latina: males de origem" (1905), gerando ataques pessoais por parte de Silvio Romero e indiferença por parte de Manoel Bomfim.

Para abordarmos as divergências e similitudes entre os pensamentos dos historiadores sergipanos, nos utilizamos das seguintes obras: "A América Latina: males de origem" (1905) e "O Brasil nação" (1930) de Manoel Bomfim e as obras "A America Latina (analyse de livro de igual titulo do dr. M. Bomfim)" (1906) e "História da literatura brasileira" (1980), ambas de Silvio Romero. Através da leitura dessas obras indicadas, concluímos que as divergências e semelhanças entre os autores são o resultado de suas formações intelectuais, portanto é necessário dissertar sobre a trajetória de cada um dos sergipanos para depois adentrarmos no objetivo desse artigo.

Nascido na cidade Lagarto (SE), Silvio Romero é tido como um dos fundadores do pensar a nacionalidade brasileira. Neto de um líder do Partido Liberal, quando jovem Romero mudou-se para ir estudar na Faculdade de Direito do Recife, participando da geração da "Escola do Recife de 1870" que reuniu nomes como Capistrano de Abreu, Araripe Júnior e José Veríssimo. Foram nos anos da Faculdade do Recife que o sergipano conheceu um intelectual que foi de extrema importância para a sua formação: o conterrâneo, mestre e amigo Tobias Barreto (1839-1889).

Segundo Antonio Paim, a Escola do Recife não é uma unidade e a sua importância reside na contribuição para a renovação do Direito e para a elaboração da História da Cultura Brasileira. Sobre os representantes dessa Escola, esses romperam com o pensamento religioso da época em favor de uma visão laica e foram partidários das novas filosofias européias vigentes, com as quais investigavam a formação da sociedade brasileira, tendo como base teórica para essa investigação o determinismo da raça e do ambiente (PAIM, 1981).

O sergipano Silvio Romero foi Deputado Federal (1900-1902), crítico literário, ensaísta, poeta, filósofo, sociólogo, professor, participou da organização do Partido Nacional e, juntamente com Machado de Assis, foi o co-fundador da Academia

Brasileira de Letras. Leitor de teóricos europeus como Spencer, Fréderic Le Play, Comte, Buckle, Gobineau, poucos foram os temas envolvendo cultura e sociedade que Silvio Romero não esteve presente com alguma observação ou estudos de caso. Os seus escritos trouxeram à cena histórica um novo escritor: o combatente, em conflito com o seu status (NUNES, 1976).

Por intermédio de sua crítica literária, Romero apresentou instrumentos de construção da nacionalidade e, segundo Antonio Candido o seu pensamento refletia a "imagem nervosa do país", existindo um elemento constante em seus estudos: a unidade construída em torno do nacionalismo. Dentre as suas principais obras, podemos citar "História da Literatura Brasileira" (1888), "Ensaios de Sociologia e Literatura" (1901) e "Compêndio da Literatura Brasileira" (1906). Os seus livros influenciaram nomes importantes da historiografia nacional, como Gilberto Freyre, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna (ALMEIDA,SCHERER, 2009).

Já Manoel Bomfim nasceu em Aracaju (SE) e cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo os seus estudos no Rio de Janeiro. Após ser nomeado médico da polícia do estado do Rio de Janeiro, Bomfim abandona a carreira médica e começa a atuar na área da educação. Como educador Bomfim foi professor no Instituto de Educação e Diretor da Escola Normal e da Instrução Pública do Distrito Federal, passando assim a planejar projetos e incentivar a produção de obras didáticas que auxiliariam na modificação do ensino no Brasil. A sua defesa pela educação se baseava na ideia de que a degeneração do homem proporciona a degeneração da sociedade e só com a educação o povo seria saudável, disciplinado, patriota e produtivo (MARINHO, 2007).

O historiador foi um dos precursores do realismo político e ao combater as teorias racistas da época pensava a nação composta por três raças diferentes, das quais sobressaía o papel do índio na formação da sociedade brasileira. Segundo Maria Thétis Nunes, a maior característica das obras de Bomfim era o nacionalismo, sendo o historiador um dos pioneiros na distinção das noções de cultura e de raça. Ainda segundo Nunes, as interpretações nacionalistas, por ele ardorosamente defendidas, o inscrevem na história das ideias do Brasil como um dos mais autênticos precursores de uma ideologia nacional (NUNES, 1976). Entre as influências teóricas de Manoel Bomfim se destacam Oliveira Martins, Frei Vicente de Salvador, Rocha Pombo, Darwin, Vandelverde, Ribot,dentre outros.

Sob o viés do nacionalismo, um dos conceitos mais importantes de suas obras, Bomfim faz uma interpretação apaixonada do passado histórico brasileiro. Segundo Dalcy da Silva, Bomfim se insere em um contexto chamado de "retrato do Brasil", no qual os pensadores buscam no passado os elementos que configuram o presente e formarão o futuro, na convicção de que o Brasil precisava ser "reinventado", "redescoberto". (SILVA, 1999). Além das obras sobre a realidade nacional, Bomfim escreveu livros sobre psicologia, português (em parceria com Olavo Bilac), sociologia, pedagogia, literatura infantil e traduziu obras importantes de biologia e zoologia. Dentre os seus principais livros constam a trilogia sobre o Brasil: "O Brasil Nação" (1931), "O Brasil na América" (1929) e o "Brasil na História" (1930), além de "América Latina: males de origem" (1905).

Após dissertamos sobre os principais aspectos da formação dos dois intelectuais, passemos ao objetivo desse trabalho: compreendermos através da análise do pensamento de Bomfim e Romero algumas das divergências e similitudes entre os historiadores.

No que tange às divergências entre os sergipanos, ao contrário de Silvio Romero, Manoel Bomfim não gostava de polêmicas e ao ter conhecimento da obra do conterrâneo criticando o seu livro, publicou um único artigo uma revista e afirmou que a sua única decepção com a "América Latina: males de origem" foi que, com o passar dos anos, a sua tese da educação para salvar a América – no caso, o Brasil também- estava ultrapassada e que a única forma de mudar a situação do continente era com a revolução.

A polêmica entre os historiadores se insere nas diferentes formas de interpretação da formação social e política brasileira e um dos principais temas dessa divergência é quanto ao evolucionismo. Imbuído no evolucionismo social de Herbert Spencer, Silvio Romero defendia a unidade entre as ciências naturais e as sociais, como uma forma de identificar a existência de leis intrínsecas aos fenômenos da realidade social. Seguindo esse pensamento, para explicar a história de um povo, Romero se utilizava dos conceitos da seleção natural de Spencer e do determinismo geográfico de Buckle. É com esse conceito de determinismo geográfico que é apresentada a tese do determinismo racial, visto como um elemento autônomo que se impõe sobre os determinismos externos. Segundo essa tese, haveria dois processos fundamentais: a adaptação hereditária e a adaptação revolucionária- na qual o mais forte devora o mais

fraco. A primeira se insere no plano orgânico da miscigenação racial, e a segunda no plano da cultura, das novas ideias que acompanhariam as novas gerações (SANTOS, 2006).

Apesar de acreditar na união das ciências naturais com as sociais, Bomfim se apoiou em teóricos diferentes para defender a sua tese sobre a evolução. O conceito de evolução em Bomfim é baseado na teoria de Darwin que o define como o motor do progresso moral e social de um povo. Para complementar essa teoria de evolução, Bomfim se apóia em Vandelverde em sua tese do "parasitismo social" para explicar as causas da "não evolução social" das sociedades americanas. Segundo essa tese do parasitismo social, parasitas e parasitários convivem em uma mesma cadeia e Bomfim cita como exemplo prático a relação entre os senhores de engenho e os escravos. Os primeiros (parasitários) seriam movidos por "instintos egoísticos" em virtude do ócio social e os escravos (parasitas) trabalhariam para sustentar a economia do país, adaptando-se às precárias condições de vida que lhes tiraria a força para reclamar dessa situação. (BOMFIM, 1905).

Para Silvio Romero, o conceito de parasitismo social em Manoel Bomfim serve apenas como uma metáfora, não podendo ser utilizado para a análise de um povo, pois impossibilita ressaltar a função histórica e distinta da nação brasileira. O próprio Romero reconhece que esse conceito de parasitismo social já fora utilizado por Edmond Demolins, um dos poucos teóricos em que os dois se basearam, mas mesmo assim indica o mesmo Demolins para Bomfim ler, nos levando a crer que essa divergência era mais uma questão de interpretação de um educador e de um intelectual da sociedade.

Outro ponto de divergência entre os historiadores é com relação ao "modo de se fazer ciência", Silvio acredita na objetividade do historiador que se apoia em fontes históricas para a construção da verdade, sem tomar partido do tema proposto. Já Bomfim afirma que a neutralidade defendida por Romero é um aspecto passível de contaminação. Para Romero essa falta de neutralidade na obra de Bomfim a prejudica, pois não existe parcialidade e sim contradições, alterações dos fatos históricos e uma construção pessimista das nações latino americanas, apesar de Bomfim se autodenominar um "filho da América". Sobre esse pessimismo de Bomfim, Silvio Romero faz uma das críticas mais contundentes: apesar de considerar-se um "filho da América", Bomfim privilegia demais a História e a influência de Portugal na formação do brasileiro. Ainda segundo Romero, a História do Brasil não é, particularmente, a

história exclusiva dos portugueses na América, dessa forma enquanto um buscava as causas do atraso político e social nos "males de origem", o outro procurava reforçar a singularidade do Brasil, exibindo as causas da originalidade, particularidades e das diferenciações (ROMERO, 1906).

Em relação às similitudes entre as teses dos sergipanos, essas são tão numerosas quanto às diferenças, mas pouco estudadas. De início, sobre o processo de descoberta do Brasil e da América, os dois concordam que ocorreu em um período de decadência desses impérios. No caso brasileiro em específico, o grande legado deixado pelos portugueses na configuração da cultura brasileira foi a sua mentalidade de formação fanática e jesuítica, o que provocou a fácil assimilação social. Segundo Bomfim:

> " Transplantadas para a América, as gentes da península transmitiram as suas Qualidades distintas às novas populações. Aqui encontramos esta mesma Plasticidade intelectual e essa mesma sociabilidade, acaso mais desenvolvida Ainda. A assimilação dos povos se tem feito, até entre raças radicalmente Distintas- brancos pretos e "índios". (BOMFIM, 1993, p. 236).

Nesse caso, para Bomfim a plasticidade intelectual refere-se à fácil sociabilidade dos povos ibéricos, enquanto que para Silvio Romero a plasticidade intelectual é adquirida através da mestiçagem das ideias, o que por sua vez é um produto da mestiçagem racial entre os portugueses, africanos e índios.

Sobre o papel da Igreja Católica no Brasil, Bomfim e Romero o vêem como algo negativo. Para Bomfim, a Igreja trouxe a cultura da ignorância proibindo a divulgação de livros, exercendo o controle daqueles que sabiam ler e escrever e impedindo a redenção intelectual e moral dos povos formadores na colônia, mantendo-os na superstição. Já Silvio critica em especial a educação jesuítica, pois segundo ele essa era orientada por um caráter autoritário que apagaria o espírito empreendedor e de iniciativa da população, criando nessa um aspecto submisso. Esta submissão é notada por ambos como um fator negativo na mentalidade de um povo, pois o espírito empreendedor e de iniciativa seriam elementos propulsores do progresso social.

Outro conceito abordado pelos historiadores é o da imitação que é utilizado na crítica às práticas políticas brasileiras consideradas imitação dos povos portugueses. Os autores defendiam a adaptação dessas práticas políticas à realidade brasileira, as tendências da formação do povo e ao seu caráter nacional. Esse processo de imitação,

unido com a educação e a miscigenação racial amenizaria a inferioridade social de africanos e indígenas.

Sobre as raças formadoras do povo brasileiro, ambos acreditavam que os índios e os africanos possuíam uma "cultura rudimentar", pois pouco influenciou na fisionomia moral e intelectual da sociedade brasileira. Já aos portugueses, representam a base da formação do povo e da sociedade brasileira. Ao contrário de Manoel Bomfim, Silvio Romero ressalta a importância da população negra em relação ao indígena, pois considera estes povos como os principais agentes econômicos no desenvolvimento da nação e como auxiliar fisiológico fundamental na formação do povo brasileiro:

> " A pobre raça escravizada não teve nunca o direito de entrar na história: seu Trabalho intelectual foi anônimo, bem como seu trabalho físico. Ainda mesmo Em fatos altamente épicos, em fenômenos extraordinários, como o do Estado dos Palmares, a história é anônima. Como se chamava o heroi negro, o último Zumbi, que sucumbiu à frente dos seus nos Palmares? Ninguém sabe. É de Justiça conquistar um lugar para o africano em nossa história: não é do domínio Exclusivo do africanismo que peço: exijo apenas mais equidade na distribuição Dos papeis em nossa luta de quatro séculos"; (ROMERO, 1980, p.128).

Apesar dessa defesa aos negros, Silvio concordava com Bomfim no quesito de que o processo de modernização do Brasil e o progresso do caráter nacional tenderiam a dissolver a influência de africanos e indígenas. Sobre essa formação do caráter nacional, os historiadores explicaram, por caminhos distintos, o papel da raça nesse processo. Para Silvio a miscigenação modificou as três raças em uma e essa nova raça seria superior aos seus antecessores porque nasceriam adaptados ao clima do país. Já Bomfim enfatiza a especificidade do povo brasileiro pela mistura do negro, indígena e branco, o que resultou em um homem forte e cordial, o representante nacional. Os dois não acreditavam na degeneração das populações mestiças, pois eram contrários aos teóricos do darwinismo social.Segundo essa teoria européia, a história é um produto da luta de raças e a sobrevivência das mais aptas representava a sua superioridade, concebida pela sua pureza racial.

Ainda sobre essa questão da raça, outro ponto de convergência dos sergipanos é com relação ao conceito de raça sociológica. Segundo esse conceito, todo o povo é formado por intensas miscigenações tanto no plano biológico como da cultura, dessa forma a miscigenação racial seria acompanhada da cultural e distinção entre s raças seriam analisadas enquanto diferenças entre culturas.

Os historiadores também se preocupavam com a construção de uma ciência brasileira. Essa ciência recusaria a imitação das teorias europeias e era a favor da escolha, seleção literária e científica. Contra a falta de "espírito científico" da elite política e intelectual do país, os sergipanos propunham um campo de debate intelectual em que defendiam um saber científico sobre o país de modo a orientar as práticas políticas, principalmente no desenvolvimento da nação e do povo. Os autores atentavam para a necessidade de uma nova representação da nação em oposição a forma trabalhada na historiografia do Império e da literatura romântica

Essa breve apresentação das concordâncias e discordâncias entre os pensamentos de Manoel Bomfim e Silvio Romero se inserem em um contexto do regime republicano, no qual diferentes projetos sobre a representação do Brasil competiam por legitimidade. O estudo das obras de Bomfim e Romero são de grande importância para a historiografia nacional, pois os historiadores através do estudo científico, evidenciavam as tendências e necessidades históricas para o progresso nacional. Atentavam para os problemas da formação social e política e os mecanismos de sua reprodução, apoiando-se em abordagens teóricas e as justificavam por meio delas estarem aptos a realizar esta observação.

A originalidade de Bomfim e Romero concentra-se me revelar a necessidade de estudar as condições necessárias para o sucesso da nação brasileira a partir da sua realidade, que é produto de uma formação histórica. Sobre as diferenças entre os dois, tem-se a análise de um bacharel de direito que tem a escrita e o trabalho intelectual como meio de prestígio social, sobre a obra de bacharel em medicina preocupado com as mudanças sociais, sobretudo, a partir das instituições. Essas diferentes versões sobre a realidade nacional é de extrema importância para a historiografia brasileira, pois as várias interpretações só tendem a enriquecer as análises sobre o país.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: Tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000.

-BOMFIM, Manoel. *América Latina: males de origem*. Topbooks, .Rio de Janeiro, 2005.

-_____. *O Brasil na História*: deturpação das tradições, degradação política. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

-BOSI, Alfredo. *Historia concisa da literatura brasileira.* Cultrix, 1997.

-CHACON, V. *História das idéias socialistas no Brasil*. 2.ed. Fortaleza: Edições UFC; Rio de
Janeiro: Civilização brasileira, 1981.

-MALANCHEN, Julia; VIEIRA, Suzane da Rocha. *A construção de uma história oficial através da invenção de um passado.* Disponível em : http://www.espacoacademico.com.br/060/60malanchenvieira.htm. Acessado em 26 nov.2005.

-MARINHO, Analice Alves. História da América para normalistas: uma análise do Compêndio de Rocha Pombo (1900). Trabalho de Conclusão de curso. São Cristóvão:UFS/DHI; 2007.

-NUNES, Maria Thetis. *Silvio Romero e Manoel Bonfim, pioneiros de uma ideologia nacional.* EDUFS, Aracaju,1976.

- RIBEIRO, Darcy. Manuel Bonfim, antropólogo . In: Revista do Brasil, 2 (1984): 48-59.

-ROMERO, S. *A América Latina: analyse do livro de igual título do Dr. M. Bomfim*. Porto:Chardron, 1906.

-_____, S. *História da Literatura Brasileira*, tomos I e II. Organização de Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001. (Obras completas de Sílvio Romero)

- SILVA, José Maria de Oliveira. *Da educação à revolução: radicalismo republicano em Manoel Bomfim.* Dissertação de mestrado em Historia,USP.São Paulo, 2000.

-SUSSEKINK, F; VENTURA, R. *História e dependência*: cultura e sociedade em Manoel Bomfim. São Paulo: Moderna, 1984.